

O quão galhofeira as coisas são!
Cá estou a falar, a pensar e indignar-me
do que já o fizeram, sobre o ser e sua
hirta ou volátil condição.
Ou do sistema que tem como base
a antiga e deplorável exploração.

Mas se assim o faço, é pois,
que a injustiça ainda perdura.
É que no ser e na complexa sociedade
permeia uma terrível amargura!
Um contínuo cansaço,
um peculiar anseio por justiça
e um apelo ao fim da tortura.
E que assim, se desvaneça toda a maldade.

O tempo, como de costume, se esvai
e as coisas, mudando estão
e tudo o que dantes era oculto,
aos poucos estão se revelando.



Mas o ser humano, um tanto sisudo,
ainda encontra-se em uma palerma contradição.
Pois a humanidade insiste em regressar
aos velhos tempos de escuridão.

Ó meu coração, perdoai e, ainda, amai!
Tais seres não sabem o que fazem e nem
o que são!

Agente ó ignívomo ser, este peito atordado,
o bater forte deste coração entibiado
a estadia neste mundo maculado.

Mas acima de tudo, contribua
para que tu e o todo assim não continua
e, mais que tudo, lute para que a verdade e a lucidez
não sejam amordaçadas.

Ó meus olhos e outros tantos queridos e amáveis olhos,
por que será que não te cansas?

Ó meu querido coração palpitante, como
continuas em tal cadência com tais condições
materiais, as quais, fazem com que as pessoas
sejam atordoadas?

Ó mentes agitadas que almejam bonanças!
Infelizmente já percebeste e conheceste
tantas matanças que não passa, hodiernamente,
de lastimáveis lembranças.

Ano 04, numero 08, jul./dez. 2017

[52]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



Ó humano que já viste, sentiste
e sofreste muito com toda a iniquidade
que há e que houve, em toda a
história dessa balbúrdia da humanidade.

